

## “Fazer científico”: uma reflexão teórica metodológica sobre a “artesanaria” da pesquisa<sup>1</sup>

Maritcheli VIEIRA<sup>2</sup>

Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, RS

### RESUMO

Este trabalho tem como objetivo realizar uma discussão teórico metodológica sobre estratégias do “fazer científico”. Para isso, desenvolveremos uma discussão reflexiva sobre a construção da pesquisa científica, pensando, principalmente, sobre a problemática de pesquisa e questões de ordem metodológica. Também abordaremos sobre a responsabilidade social que os pesquisadores têm perante o “fazer científico”. Dentre os principais autores que serão resgatados, apontamos: Japiassu (1988); Bourdieu, Chamboredon e Passeron (2003); Morin (1986); Mills (2009); Maldonado (2011; 2013; 2020) e Bonin (2011).

**PALAVRAS-CHAVE:** epistemologia; trasmetodologia; metodologia em comunicação.

### INTRODUZINDO A TRANSMETODOLOGIA

Estamos vivendo em um mundo em que cada dia existe uma evolução tecnológica. O mercado da tecnologia está a todo vapor, interferindo e causando mudanças nas práticas comunicacionais contemporâneas. Nosso contexto tecnológico está a todo momento sendo configurado e reconfigurado. Da era analógica, para a digital. Do papel para aparelhos móveis. Da carta ao e-mail, ou apenas a uma mensagem pelo whatsapp.

É neste contexto do século XXI que nossas pesquisas da área da comunicação estão inclusas. Mas, como dar conta de tanta evolução? Como podemos pesquisar a comunicação e entender o “todo”, o contexto? Será que devemos dar conta de uma pesquisa que tenta entender uma questão macro comunicacional social ou micro? Conseguiremos considerar de forma correta o caráter *multidimensional* e *multicontextual* dos processos e realidades em comunicação? Como podemos proceder?

Várias dessas perguntas e questionamentos talvez não conseguiremos responder por completo neste artigo, mas a partir de Maldonado (2013), entendemos que essa

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GP Teorias da Comunicação, XXII Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 45º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Doutoranda do Programa de Pós Graduação em Comunicação da Universidade do Vale do Rio dos Sinos, e-mail: [vieiramarit@gmail.com](mailto:vieiramarit@gmail.com)

---

mudança da era social e tecnológica necessita de pesquisas com estratégias multimetodológicas. Mas, uma coisa é certa, para o autor, não é possível nós investigarmos problemas multidimensionais a partir de lógicas excludentes ou totalizantes. Devemos observar e experimentar perspectivas multifocais.

É neste sentido que, inspirados em Maldonado (2013), acreditamos que contornar o desafio epistemológico e metodológico neste contexto que estamos inseridos demanda muito estudo, aprofundamento e desenvolvimento de estratégias e concepções que sejam transmetodológicas. São essas algumas das estratégias que poderão contribuir para que entendamos toda uma complexidade.

Mas, afinal, quando falamos de estratégias transmetodológicas, sobre o que estamos tratando? Maldonado (2013), para responder tal pergunta, baseia-se em diversos autores<sup>3</sup> e compreende que refere-se a

confluência de métodos; entrelaçamento de lógicas diversas (formais, intuitivas, paraconsistentes, abduativas, experimentais e inventivas); estruturação de estratégias, modelos e propostas mistas, midiáticas, que inter-relacionem os vários aspectos das problemáticas comunicacionais (MALDONADO, 2013, p. 03).

Faz-se necessário essas estratégias por estarmos inseridos em um contexto em que nossos objetos e problemas de pesquisa demandam percepções que transcendem diversas estruturações teóricas, e devemos trazê-las para as nossas pesquisas afim de produzir abordagens vigorosas e críticas na área da comunicação (MALDONADO, 2020).

Mas, é importante que entendamos que somos artesãos da ciência e, que baseados em Maldonado (2020), simplesmente realizar um percurso que haja o diálogo entre várias disciplinas do saber não é suficiente. Precisamos ir além. Sermos artesãos da ciência requer que, para darmos conta de nossas problemáticas comunicacionais, consigamos reformular, reorganizar e reconfigurar os saberes originais já propostos a um percurso próprio, exigido pelas nossas problemáticas e que transformem as redes conceituais e as lógicas disciplinares.

Segundo Maldonado (2020), para evitarmos uma pesquisa carente de bases teóricas e com procedimentos de investigação sem relevância social, histórica, científica e política, devemos rever a aplicação de fórmulas e modelos sem uma desconstrução e reflexão metódica. Além disso, devemos parar de pensar separado a dimensão

---

<sup>3</sup> Autores: BACHELARD, 1974; CASSIRER, 1977; JIAPIASSU, 1986.

---

metodológica da teórica. A pesquisa é uma só, e tais dimensões devem estar entrelaçadas com discussões epistemológicas e transmetodológicas.

A partir do discutido nessa introdução, baseados em Maldonado (2013; 2020), devemos rever e refletir o nosso modo de pesquisar. Mas, mais do que isso, devemos colocar em ação tais reflexões para, assim, fazermos ciências com um caráter responsável e contribuir de forma crítica para a área da comunicação.

Nesta primeira parte, discutimos alguns aspectos da pesquisa transmetodológica, assim, a seguir traremos a responsabilidade metodológica e social de nosso “fazer ciências”. Iremos discutir sobre o papel das nossas pesquisas na sociedade, bem como a importância da construção metodológica cuidadosa. Temos como preceito que só é possível pesquisar e investigar se assumirmos a problematização metodológica.

## **REFLEXÕES SOBRE UMA ARTESANIA PARA ROMPER OBSTÁCULOS EPISTEMOLÓGICOS**

Baseados na Epistemologia Crítica teorizada por Japiassu (1988), iniciamos afirmando que nós, pesquisadores e epistemólogos, devemos essencialmente nos interrogarmos sempre sobre a responsabilidade social das nossas pesquisas e do nosso “fazer ciência”. Precisamos na nossa trajetória como pesquisadores tomar consciência que na vida da pesquisa existem forças externas que correspondem aos objetivos da sociedade bem como as forças internas que são relacionadas ao desenvolvimento natural das ciências. Ou seja, devemos estar cientes que a ciência está “cada vez mais integrada num processo social, industrial e político” (JAPIASSU, 1988, p. 138).

É neste sentido, inspirados no mesmo autor, que afirmamos que uma epistemologia crítica é essencial para refletirmos sobre nossos pressupostos, resultados, limitações e significações sócio-culturais das pesquisas científicas. Assim, entenderemos que fazer ciência não é constituir a verdade da sociedade e que, nós, pesquisadores precisamos sempre estarmos nos questionando sobre qual ciência estamos fazendo. Até porque somos financiados para fazer tal pesquisa. É nossa responsabilidade de alguma forma fazer ciência de forma responsável e séria.

Indo nesta perspectiva, baseamo-nos em Mills (2009) com sua discussão relevante sobre a artesanaria do pesquisador, entendemos que um pesquisador responsável não separa a sua vida do seu trabalho, ou melhor, da sua pesquisa. Temos que pesquisar o que nos inspira, o que nos dá força! Nada melhor do que pesquisarmos o que amamos. É neste

---

sentido que consideramos que nós, intelectuais da ciência, temos que usar as nossas experiências de vida para o nosso trabalho intelectual, sempre examinando e reinterpretando.

Porém, devemos estar cientes que é importante estabelecermos distinções entre as nossas percepções e a ciência, por estarmos inclusos e submersos com o universo social. É neste sentido que Bourdieu, Chamboredon e Passeron (1999) trazem que um dos grandes obstáculos epistemológicos para os pensadores é essa grande familiaridade com o social. Nas palavras dos autores,

[...] a familiaridade com o universo social constitui, para o sociólogo, o obstáculo epistemológico por excelência porque ela produz continuamente concepções ou sistematizações fictícias ao mesmo tempo que as condições de sua credibilidade (BOURDIEU, CHAMBOREDON, PASSERON, 1999, p.25).

A partir desta problemática que envolve o obstáculo epistemológico, os autores propõem uma ruptura com as pré-noções já instauradas na sociedade e que podem causar “contaminação” com o fazer ciência. Segundo Bourdieu, Chamboredon e Passeron (1999), o sociólogo – no caso específico do livro dos autores – deve se afastar das opiniões previamente formadas e do senso comum para conseguir chegar a uma noção científica.

A partir do obstáculo epistemológico apresentado por Bourdieu, Chamboredon e Passeron (1999) e a perspectiva de Mills (2009) de que o pesquisador não deve separar a sua vida e seu trabalho, compreendemos o quanto o “fazer ciência” é um movimento complexo. Ao mesmo tempo que devemos pesquisar o que nos motiva, devemos nos despir dos pré-conceitos que nos tornam seres sociais. Mas, é importante frisarmos que em momento algum devemos esquecer os sujeitos políticos e críticos que somos. É através dessa criticidade e um olhar com atenção metódico que, segundo Bourdieu, Chamboredon e Passeron (1999), podemos apreender o fato inesperado sobre nossas pesquisas que não pode ser visto com um olhar aparente e superficial.

Para colaborar com esse fazer científico, Mills (2009) nos oferece um tipo de “guia” com algumas instruções ou até mesmo ideias de como podemos proceder nossas pesquisas de forma responsável através de estratégias metodológicas. Durante sua reflexão, o autor nos faz perceber a importância do diário, da escrita e das anotações. Esse exercício de sistematização das ideias contribuirá para que nós possamos realizar os nossos projetos. É deste arquivo, que em algum momento pode parecer vago ou sem

---

lógica, que sairão os nossos melhores projetos. Essas ideias sempre serão renovadas, recombinações, reestruturadas e repensadas a cada leitura que nós façamos.

Na leitura do texto de Mills (2009), como qualquer outro estudioso, em alguns momentos nos deparamos com algumas inquietações. No seu grande “guia” e conselhos sobre a arte do intelectual, o autor afirma que não gosta de fazer trabalhos empíricos, por ser muito trabalhoso, necessitar de uma equipe e muitas vezes cair no desinteressante.

Em relação a isso, compreendemos, como já relatamos anteriormente, que a ciência não deve ser a verdade absoluta. O histórico e social devem estar nas nossas pesquisas e para isso, acreditamos que nada melhor do que a empiria. É através do empírico nas pesquisas de comunicação que conseguimos compreender como os meios de comunicação se comportam na sociedade, como os sujeitos utilizam tais meios e tecnologias, o que fazem com as mensagens recebidas, como interpretam, o que produzem nesses meios, por exemplo. Hoje, através da empiria, conseguimos começar a entender o grande mundo midiático em que estamos submersos.

Baseados em Maldonado (2011), entendemos o empírico como um conhecimento adquirido com a prática, e é através dele que observamos perspectivas de diversas experiências e na vida cotidiana. Mas, o mais interessante é que Maldonado (2011) diz compreender o empírico como um processo de conhecimento do “real”

que vivencia e experimenta a *realidade objetiva* como referente e critério de *verdade*, de comprovação. O *empírico* está baseado nos resultados da observação, do experimento e da experiência, vinculando profundamente os processos concretos com o pensamento e as problematizações teóricas. Na pesquisa em comunicação, *o empírico* é imprescindível se consideramos os sistemas, estruturas e campos midiáticos como um referente central dos *problemas de conhecimento* para nossa área (MALDONADO, 2011, p. 06).

A partir do autor, entendemos que o empírico é a observação do objeto de pesquisa, dos sujeitos pesquisados ou dos experimentos desenvolvidos, por exemplo. Através do empírico podemos intercruciar e refletir as observações com o teórico, podemos atualizar conceitos, teorias e percepções. O que seria de nossas pesquisas se ficássemos infinitamente realizando discussões teóricas sem o empírico? Como poderíamos utilizar a ciência para entender os contextos, sujeitos e sociedade? Acreditamos que a pesquisa empírica seja de extrema importância para tais atualizações, ainda mais quando nos referimos às pesquisas da área da comunicação, em que as problemáticas e meios de comunicação estão sendo toda hora atualizados. É claro que de forma alguma estamos inferiorizando a pesquisa teórica. Ela é de extrema importância

---

para entendermos o que já foi e o que vem sendo estudado, bem como é imprescindível para realizar reflexões como essa que estamos apresentado neste presente artigo.

Como já comentamos aqui, Mills (2009) nos oferece um arranjo de contribuições à pesquisa acadêmica, para o “fazer científico” e para sermos artesãos do conhecimento. Então, é neste sentido que a sua crítica aos estudos empíricos é “fazer a empiria por fazer”. Segundo o autor, o trabalho empírico deve ser comprometido e deve realmente contribuir para a área de estudo, pois “é tolice projetar um estudo de campo se for possível encontrar a resposta numa biblioteca (MILLS, 2009, p.33). Claro, concordamos com Mills (2009) que os trabalhos empíricos devem ter relevância acadêmica, serem bem-feitos, engenhosos e com problemáticas responsáveis.

Mills (2009) ainda nos oferece diversas outras pistas sobre a escrita científica e o fazer empiria mas, avançando na discussão, inspiramo-nos em Bonin (2011) quando observa que para um projeto de pesquisa em comunicação estar consolidado, uma de suas principais linhas de sustentação é o problema de pesquisa. É a partir dele que há construção de uma problematização do fenômeno comunicacional a ser estudado. Nesta problematização é imprescindível que encontremos os conceitos principais do estudo, resultados de investigações anteriores e de pesquisa exploratória, e caracterizações da realidade e do contexto em que essa pesquisa está inserida.

É importante que deixemos claro que toda essa configuração de problema de pesquisa, segundo Bonin (2011), deverá ser estruturado a uma problematização teórica com conceitos articulados, reconstruídos e problematizados com o intuito de dar conta do fenômeno estudado.

Além disso, segundo a autora, outro item de importância para um projeto é a justificativa, que consegue convencer e explicar sobre a relevância deste “fazer científico”. Um projeto de pesquisa consolidado é aquele que contém uma justificativa articulada, ou seja, que por meio da retórica consegue convencer sobre sua importância. Mas, para além do convencimento, afirmamos, inspirados na mesma autora, que a justificativa deve considerar os avanços que tal pesquisa poderá trazer para o campo, neste caso, o da comunicação.

Compreendendo que a pesquisa científica é feita por avanços e contribuições dos autores, então, entendemos que há uma grande responsabilidade no “fazer científico”. Como já trouxemos anteriormente, acreditamos que o pesquisador tem um compromisso com a sociedade, pois é através da ciência que conseguimos compreender nuances,

---

particularidades e questões que envolvem os sujeitos. Bonin (2011) em seu trabalho fala sobre tal compromisso:

O compromisso com a realidade em que estamos inseridos (cujas dimensões incluem a política e a ética, entre outras) implica estar atento aos problemas relevantes colocados e suscitados por esta realidade, de modo que os conhecimentos possam responder aos problemas e desafios do seu tempo histórico (BONIN, 2011, p.21).

Então, conforme coloca a autora, nós, pesquisadores, temos o compromisso com a sociedade em que estamos inseridos. Devemos ficar atentos para que nossas pesquisas consigam contribuir de alguma forma para a realidade e para os sujeitos sócio históricos.

Bonin (2011) em seu trabalho, da mesma forma que Mills (2009), traz diversos pontos sobre a escrita e estrutura científica. Fala sobre os objetivos, contextualização e problematização teórica, por exemplo. Neste trabalho iremos avançar as nossas discussões à *concepção metodológica e aos procedimentos metodológicos* que sustentam a fase de observação. Avançaremos para essa fase, pois o objetivo do nosso trabalho, como comentado anteriormente, também é discutir sobre a relevância do desenho metodológico.

Sabemos que todos os passos “do fazer científico” são de extrema importância, mas ainda nos deparamos com pesquisas que não trazem discussões epistemológicas. Baseados em Maldonado (2020), afirmamos que o exercício de uma epistemologia história sobre o campo da comunicação contribuirá para que visualizemos problemáticas e consigamos definir estratégias e táticas.

O autor ainda traz que para isso ser concretizado, uma opção metodológica é a estratégia da *pesquisa-da-pesquisa*, que corresponde a investigação

das pesquisas nos seus tecidos conceituais, nos seus modelos metódicos, nas suas operacionalizações técnicas, nas suas práticas, e nas suas referências a outras investigações. Esse tipo de pesquisa tem tornado possível realizar imersões aprofundadas, sistemáticas, esclarecedoras, e produtivas para analisar as operações, as decisões, as opções, os modelos e as lógicas, que os autores, e os grupos, desenham para a estruturação de suas pesquisas (MALDONADO, 2020, p. 04).

Realizar a estratégia da *pesquisa-da-pesquisa* contribui para que possamos entender o que já foi produzido na área. Se realizarmos uma imersão profunda em tudo do que já foi produzido, saberemos de onde partimos e, assim, realmente poderemos fazer uma ciência que contribuirá para o campo.

Nosso entendimento vem ao encontro com Bonin (2011, p.32) quando diz que tal procedimento é relevante para que as “novas investigações contemplem e considerem estes desenvolvimentos e aquisições e busquem efetivamente avançar *com e a partir*

deles”. Para realizar a pesquisa-da-pesquisa, segundo a mesma autora, devemos considerar as investigações já produzidas no campo e suas áreas de interfaces que estejam relacionadas ao objeto e/ou sujeitos de pesquisa para, então, considerar tais produções como elementos ativos na produção.

A partir disso, frisamos que é imprescindível realizar o movimento da pesquisa-da-pesquisa para compreendermos em que contexto científico nossa produção está inserida. Precisamos visualizar o que já foi produzido, a partir de desconstruções e reflexões. Assim, poderemos nos apropriar reformular e ampliar as discussões que já estão inseridas no campo (BONIN, 2011). Esse movimento fornecerá informações para que haja uma evolução nas discussões já realizadas.

Tal discussão dialoga com que Bourdieu, Chamboredon e Passeron (1999) trazem sobre os desafios epistemológicos no “fazer ciência”. Para os autores, a ciência deve estar sempre sujeita a uma ruptura, pois só assim poderá progredir nas suas discussões e descobertas. É neste sentido que argumentam que tal exercício não é fácil, pois se trata de desconstruir e atualizar teorias que são tradicionais no campo. Tanto que, segundo os autores, a teoria “[...] nunca deixa de ser a reelaboração indefinida dos elementos teóricos artificialmente extraídos de um corpo escolhido de autoridades [...]” (BOURDIEU, CHAMBOREDON, PASSERON, 2004, p. 40). A partir dessa questão, compreendemos a dificuldade que os pesquisadores têm para romper, pois terão que realizar tal movimento com as teorias já clássicas e tradicionais nos campos de estudo.

Outro ponto chave para o nosso “fazer científico” é a pesquisa metodológica, que consiste em trabalhar com os métodos, tanto em níveis gerais quanto em níveis mais específicos. Neste movimento será importante que, nós, pesquisadores articulemos discussões e reflexões do método, com a finalidade de construir os nossos percursos metodológicos (BONIN, 2011, p.35). Aqui, consideramos importante a reflexão e a apropriação metódica, sem se limitar a um trabalho com métodos “prontos”, como se fosse um roteiro. Neste ponto, reiteramos o pesquisador como um artesão da ciência, com a possibilidade de criar e superar todos os limites epistemológicos impostos pelos procedimentos metodológicos.

Ainda, podemos relacionar a pesquisa metodológica com a pesquisa exploratória, pois, segundo Bonin (2011), é através dela que teremos aproximações empíricas que irão permitir a construção metodológica necessária para atender às necessidades e especificidades do objeto e/ou sujeitos de pesquisa. A mesma autora entende que é por

---

meio da pesquisa exploratória que há uma aproximação empírica, em que permite perceber especificidades, características e desdobramentos do problema de pesquisa sugerido. Além disso, tal procedimento contribui para que possamos gerar elementos para embasar as opções referentes à amostragem e, ou ao *corpus* da pesquisa e à definição de procedimentos de coleta de dados.

Quando falamos em procedimentos metodológicos é indissociável não pensar na teoria. Frisamos que é importante sim realizarmos discussões epistemológicas com o intuito de tencionar o que já foi nos proposto por outros “artesãos da ciência”. O teórico-metodológico bem como os métodos e procedimentos também têm seus pressupostos e eles devem ser assumidos e apropriados por nós, artesãos.

É neste sentido que Maldonado (2020) considera o sujeito histórico, ao exercer uma práxis teórica metodológica, como um cientista pesquisador. E que ao incorporar esse papel, configura-se em um produtor social, um trabalhador intelectual, que deve conseguir dar conta e ir além dos procedimentos delimitados para o “fazer científico”. Como já comentamos anteriormente, deve problematizar, experimentar, refletir para buscar e alcançar renovações e transformações da ciência. Pois é através de métodos problematizados, apropriados e reconstruídos que produziremos conhecimento sobre os fenômenos e seus processos.

Mas, falar de teoria e método também é falar de problema e objeto. Ou seja, por mais que todos tenham sua autonomia, dentro de uma pesquisa científica, eles devem conversar entre si. Como Maldonado (2020) nos explica, não pode haver fragmentações e disjunções que os separem.

Ou seja, compreendemos que todas as partes da pesquisa devem estar articuladas. Quando estivermos na construção teórica já podemos trazer pistas e reflexões sobre os nossos objetos de pesquisa, bem como sobre nosso teórico-metodológico. Não podemos tentar forçar um objeto e um problema à aplicação de métodos prontos. Somos artesãos e devemos utilizar em nossas pesquisas o que for demandando para responder nossas problemáticas. Devemos ter autonomia para construirmos nosso roteiro científico.

Para finalizar, ainda complementamos essa discussão com Morin (1986) e sua perspectiva do pensamento complexo, cerne de uma epistemologia, que está presente nas diversas áreas do conhecimento. Morin (1986) perpassa o reducionismo e a fragmentação do saber, o que nos faz refletir sobre a importância de um desenho metodológico para nossas pesquisas.

---

Com reflexões baseadas em Morin (1986), entendemos que é impossível conhecer o todo sem conhecer as partes, assim como é impossível conhecer as partes sem conhecer o todo. É neste momento que pensamos sobre a importância de métodos que colaborem para um mapeamento e aproximação com as temáticas e objetos/sujeitos estudados em nossas pesquisas. Porque sim, para realizarmos uma pesquisa crítica, precisamos ao menos entender de onde partimos (mapeamento de obras para subsidiar a construção de conceitos relevantes que problematizem a pesquisa), o que já foi pesquisado na área sobre tais temáticas (desconstrução de pesquisas relevantes para subsidiar a construção da pesquisa em múltiplas dimensões), e claro, onde essa pesquisa está inserida (aqui já nos deparamos com uma grande pesquisa contextual: histórica, econômica, política, social e cultural).

Pois só realizando esses movimentos metodológicos exploratórios conseguiremos ter subsídios para realizar uma pesquisa crítica, responsável e que traga rupturas epistemológicas, teorizadas Bourdieu, Chamboredon e Passeron (1999).

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A partir da discussão realizada, conseguimos responder de forma geral os questionamentos que nos motivaram a escrever a presente discussão. Compreendemos que, principalmente as pesquisas em comunicação, precisam de estratégias multimetodológicas para dar conta, não só da evolução tecnológica, mas como da sociedade em si, pois ela muda e se reconstrói. Precisamos entender as práticas sociais por diversos e diferentes vieses. É neste sentido, que compreendemos que, para atingir tal objetivo, é importante realizarmos pesquisas de caráter transmetodológico, com combinações metodológicas e organização de estratégias que consigam perceber diferentes aspectos que circundam as problemáticas comunicacionais. Para fazer isso, realizamos toda uma discussão com apropriações teóricas de autores que entendem que é preciso reformular, reorganizar e reconfigurar os saberes originais e propor um percurso metodológico próprio, o qual poderá contribuir para avanços no campo da comunicação.

Contribuindo a essa discussão, também refletimos sobre a ruptura que o pesquisador deve realizar sobre a ciência e os perigosos pré-conceitos que formam um ser social. Acreditamos que, sim, o pesquisador não deve abandonar o seu lado político e

---

crítico, até porque defendemos que o cientista deve pesquisar o que o motiva. Mas, deve trabalhar com cuidado para que suas opiniões não desviem a pesquisa.

Outro tópico que foi bastante discutido neste trabalho, foi sobre a empiria. Defendemos a importância das pesquisas empíricas, pois acreditamos que por meio da empiria podemos entender e refletir o social, bem como entrecruzar tais observações com o teórico, a fim de atualizar conceitos, teorias e percepções. É neste ponto que podemos relacionar com a questão de que realizando a pesquisa empírica poderemos colaborar com problemas relevantes e suscitados pela realidade da sociedade, por acreditarmos que pesquisar também envolve uma responsabilidade social e científica. Porque um pesquisador responsável não separa a sua vida da pesquisa, mas utiliza suas experiências para a construção do trabalho intelectual, sempre examinando e reinterpretando.

Para findar nossa reflexão, ainda reiteramos a importância dos desenhos metodológicos próprios, demandados pelas problemáticas de pesquisa. Devemos ter autonomia para criarmos os roteiros metodológicos a partir de reflexões complexas e com movimentos que colaborarão para que entendamos o contexto em que nossas pesquisas estão inseridas. É neste ponto que trouxemos a importância de movimentos metodológicos, que inclusive contribuem para que consigamos observar nuances, visualizar problemáticas, definir estratégias e táticas para o “fazer ciência”.

## REFERÊNCIAS

BONIN, J. A. Revisitando os bastidores da pesquisa: práticas metodológicas na construção de um projeto de investigação. In: MALDONADO, Alberto Efendy et al. **Metodologias da pesquisa em comunicação: olhares, trilhas e processos**. Porto Alegre, Editora Sulina, 2011 p.19-42.

BOURDIEU, P.; CHAMBOREDON, J.C.; PASSERON, J.C. **A profissão de sociólogo: pressupostos epistemológicos**. 3. Ed. Petrópolis, Rj: Vozes, 1999.

JAPIASSU, H. A epistemologia crítica. In: Japiassu, H. **Introdução ao pensamento epistemológico**. 5. Ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1988, p. 137-158.

MALDONADO, A. E. Pesquisa em Comunicação: trilhas históricas, contextualização, pesquisa empírica e pesquisa teórica. In: **Metodologias de pesquisa em comunicação: olhares, trilhas e processos**. 2. ed. Porto Alegre: Sulina, 2011. p. 277-303.

MALDONADO, A. E. A perspectiva transmetodológica na conjuntura de mudança civilizadora em inícios do século XXI. In: MALDONADO, A. E.; BONIN, J. A.; ROSÁRIO, N. **Perspectivas metodológicas em comunicação: Novos desafios na prática investigativa**. Salamanca: Comunicación Social Ediciones y Publicaciones, 2013, p. 31- 57.

---

MALDONADO, A. E. A perspectiva transmetodológica. In: OLIVEIRA, G.; SANTOS, L.; BONITO, M. **Comunicação em contexto de pesquisa**. Assis/SP: UNIPAMPA, 2020, p. 183-212.

MILLS, C. W. Do artesanato intelectual. In: **Sobre o artesanato intelectual e outros ensaios**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 2009. p. 21- 58.

MORIN, Edgar. **O método, vol. 3**, O conhecimento do conhecimento. Lisboa: Europa-América, 1986.